

Cinco mitos sobre a “Era da Informação”

Por Robert Darnton

Publicado em *The Chronicle of Higher Education* em 17 de abril de 2011

Tradução de Marcela Franco Fossey

Vunesp/FEsTA, Unicamp

circulação restrita

Uma falta de clareza sobre a natureza da chamada *era da informação* tem gerado um estado de falsa consciência coletiva. Ninguém é culpado, mas o problema é de todos, porque, ao tentarmos nos familiarizar com o ciberespaço, frequentemente não entendemos bem as coisas, e os equívocos se espalham tão rapidamente que se tornam incontestáveis. Considerados em sua totalidade, eles constituem uma fonte de desconhecimento proverbial. Cinco deles se destacam:

1. “O livro está morto”. Errado: a cada ano, mais livros são impressos que no ano anterior. Um milhão de títulos novos vão aparecer ao redor do mundo em 2011. Na Grã-Bretanha, em um dia – a “Super Quinta-feira”, no último 1º de outubro – 800 novos trabalhos foram publicados. Os últimos números para os Estados Unidos se referem ainda a 2009, e não distinguem novos livros de novas edições de livros antigos. Mas a cifra total, 288.355, indicia um mercado saudável, e o crescimento em 2010 e 2011 tende a ser muito maior. Além disso, esses números, fornecidos pelo Bowker [<http://www.bowker.com/>], não incluem a explosão na produção de livros “não tradicionais” – mais 764.448 títulos produzidos por autores independentes e empreendimentos do tipo “micro-nicho” de impressão por demanda. E o mercado livreiro está em franca expansão em países em desenvolvimento, como China e Brasil. Independentemente de como é mensurado, a população de livros está aumentando, não diminuindo e, certamente, não está morrendo.

2. “Entramos na era da informação”. Essa declaração é normalmente entoada solenemente, como se a informação não tivesse existido em outras eras. Entretanto, toda era é uma era da informação, cada uma a seu modo e de acordo com as mídias disponíveis no momento. Ninguém poderia negar que as formas de comunicação estão mudando rapidamente, talvez tão rapidamente como na época de Gutenberg, mas é um engano interpretar essa mudança como sem precedentes.

3. “Toda informação está agora disponível online”. O absurdo desta alegação é óbvio para qualquer um que tenha alguma vez pesquisado em arquivos. Apenas uma fração muito pequena dos materiais de arquivo foi lida, e uma fração ainda menor foi digitalizada. A maioria das decisões judiciais e da legislação, tanto estadual quanto federal, nunca apareceu na Web. A vasta produção de regulamentos e relatórios de instituições públicas permanece inacessível aos cidadãos a quem tais documentos afetam. O Google estima que no mundo existam 129.864.880 livros diferentes, e alega ter digitalizado 15 milhões deles – ou em torno de 12%. Como será preenchida a lacuna enquanto a produção continua a se expandir em uma taxa de um milhão de novos trabalhos por ano? E como a informação em formatos não impressos será disponibilizada em massa? Metade de todos os filmes feitos antes de 1940 desapareceu. Qual porcentagem do material audiovisual atual sobreviverá, ainda mais com apenas uma fugaz aparição na Web? Apesar dos esforços para preservar os milhões de mensagens trocadas por meio de blogs, e-mails e dispositivos portáteis, a maior parte do fluxo diário de informação desaparece. Textos digitais degradam muito mais facilmente do que palavras impressas em papel. Brewster Kahle, criador do Internet Archive, calculou em 1997 que a vida média de uma URL era de 44 dias. Não só a maioria da informação não aparece online, como a maioria da informação que um dia apareceu já foi provavelmente perdida.

4. “Bibliotecas se tornaram obsoletas”. Em todo o país [EUA], bibliotecários relatam que nunca tiveram tantos patronos. Em Harvard, nossas salas de leitura estão cheias. As 85 filiais do sistema da Biblioteca Pública de Nova Iorque estão lotadas de pessoas. As bibliotecas

forneem livros, vídeos e outros materiais, como sempre fizeram, mas elas também estão preenchendo novas funções: acesso à informação para pequenos negócios, ajuda com as tarefas de casa e atividades escolares para crianças e informações de trabalho para quem está à procura de emprego (o fim dos anúncios de admissão nos jornais impressos torna os serviços online das bibliotecas cruciais para os desempregados). Bibliotecários têm atendido às necessidades de sua freguesia de formas diversas, especialmente guiando-a através da selva do ciberespaço em direção a material digital confiável e de relevância. Bibliotecas nunca foram depósitos de livros. Além de continuar a prover livros no futuro, elas funcionarão como centro nervoso de comunicação de informação digitalizada tanto nos bairros quanto nos campi universitários.

5. “O futuro é digital”. Verdadeiro, mas enganoso. Em 10, 20 ou 50 anos, o ambiente informacional será esmagadoramente digital, mas a prevalência da comunicação eletrônica não significa que o material impresso deixará de ser importante. Pesquisas na disciplina relativamente nova da história do livro têm demonstrado que os novos modos de comunicação não substituíram os antigos, ao menos não em curto prazo. A publicação de manuscritos, na realidade, aumentou depois de Gutenberg e continuou prosperando nos três séculos seguintes. O rádio não destruiu o jornal; a televisão não assassinou o rádio; e a internet não extinguiu a TV. E, em cada caso, o ambiente informacional tornou-se mais rico e complexo. É isso que estamos vivenciando nesta fase crucial de transição para uma ecologia predominantemente digital.

Mencionei essas ideias equivocadas porque acredito que elas se colocam no meio do caminho para o entendimento das alterações no ambiente informacional. Elas fazem a mudança parecer dramática demais. Elas mostram as coisas de maneira a-histórica e em contrastes bruscos – antes e depois, e/ou, preto e branco. Uma visão mais matizada rejeitaria o senso comum de que os velhos livros e os e-books ocupam extremos opostos e antagônicos do espectro tecnológico. Velhos livros e e-books deveriam ser vistos como aliados, e não inimigos. Para ilustrar este argumento, gostaria de fazer algumas breves observações sobre a comercialização, a escrita e a leitura do livro.

No último ano, a venda de e-books (textos digitalizados elaborados para dispositivos de leitura portáteis) somou 10% das vendas no mercado livreiro. Este ano, espera-se que sejam alcançados 15% ou até mesmo 20%. Mas há sinais de que a venda de livros impressos aumentou ao mesmo tempo. O entusiasmo por e-books pode ter estimulado a leitura em geral, e o mercado como um todo parece estar se expandindo. Novas máquinas de livros, que funcionam como os caixas eletrônicos dos bancos, reforçaram essa tendência. Um cliente entra em uma livraria e encomenda um texto digitalizado em um computador. O texto é baixado em uma máquina de livros, impresso e entregue na forma de brochura em quatro minutos. Essa versão de impressão por demanda mostra como os antigos códigos de impressão podem ganhar vida nova adaptando-se à tecnologia eletrônica.

Muitos de nós nos preocupamos com o declínio da leitura profunda, reflexiva, de capa a capa. E até lamentamos as preferências por blogs, fragmentos e tweets. Em se tratando de pesquisa, conseguimos admitir que a busca por palavras tenha vantagens, mas nos recusamos a acreditar que ela pode nos levar ao tipo de entendimento que resulta do estudo contínuo de um livro inteiro. No entanto, será verdade que a leitura profunda tenha decaído, ou que ela tenha alguma vez prevalecido? Estudos realizados por Kevin Sharpe, Lisa Jardine e Anthony Grafton provaram que os humanistas dos séculos XVI e XVII frequentemente liam de forma descontínua, procurando por passagens que poderiam ser usadas no combate das disputas retóricas na Corte ou como pepitas de sabedoria que poderiam ser copiadas para os livros de citação e consultadas fora de contexto.

Em estudos sobre a cultura das pessoas comuns, Richard Hoggart e Michel de Certeau enfatizaram o aspecto positivo da leitura intermitente e em pequenas doses. Leitores

ordinários, tal como entendidos pelos autores, se apropriam de livros (incluindo livros de contos populares e literatura feminina) de maneira própria, envolvendo-os com significados que fazem sentido a partir de seu próprio ponto de vista. Longe de serem passivos, tais leitores, de acordo com De Certeau, agem como caçadores furtivos, arrebatando significado de qualquer coisa que chegue às suas mãos.

Escrever parece ser tão ruim quanto ler para aqueles que não veem nada além de declínio no advento da internet. Como diz o lamento: os livros costumavam ser escritos para um leitor genérico; agora eles são escritos pelo leitor genérico. A internet certamente estimulou a publicação por conta própria, mas por que isso deveria ser motivo de lástima? Muitos escritores com coisas importantes a dizer não tiveram a oportunidade de ser publicados, e qualquer um que encontre pouco valor nesses trabalhos pode ignorar isso.

A versão online da imprensa de futilidades pode contribuir para a sobrecarga de informação, mas editores profissionais irão prestar socorro para esse problema fazendo o que eles sempre fizeram – selecionando, editando, projetando e comercializando os melhores trabalhos. Eles terão que adaptar suas habilidades para a internet, o que já está sendo feito, e poderão, então, tirar vantagem das novas possibilidades oferecidas pela nova tecnologia.

Para usar um exemplo da minha própria experiência, recentemente escrevi um livro impresso com um suplemento eletrônico, *Poetry and the Police: Communication Networks in Eighteenth-Century Paris* (Poesia e a Polícia: rede de comunicação na Paris do século XVIII, Harvard University Press). Nele descrevo como canções de rua mobilizaram a opinião pública em uma sociedade majoritariamente iletrada. Todos os dias, parisienses improvisavam novas palavras para melodias antigas, e as canções voavam pelo ar com tal força que acabaram por antecipar uma crise política em 1749. Mas como suas melodias inflectiram seu significado? Depois de encontrar a notação musical de uma dúzia de canções, pedi para uma artista de cabaré, Hélène Delavault, gravá-las para o suplemento eletrônico. O leitor pode, portanto, estudar o texto das canções no livro enquanto as escuta online. O ingrediente digital de um código antigo torna possível explorar uma nova dimensão do passado ao capturar sua sonoridade.

Seria possível citar outros exemplos de como a nova tecnologia está reafirmando velhos modos de comunicação ao invés de arruiná-los. Não tenho a intenção de minimizar as dificuldades encaradas por autores, editores e leitores, mas acredito que uma reflexão historicamente embasada poderia dissipar os enganos que nos impedem de tirar o máximo proveito da “era da informação” – se é que devemos chamá-la assim.

Robert Darnton é professor e bibliotecário da Universidade de Harvard. Esse ensaio é baseado em uma fala que ele fez no Simpósio do Conselho de Universidades Independentes sobre o Futuro das Humanidades, em Washington, em março de 2011.